



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

MEMORIAL
Para a promoção à classe de Professor Titular
Área de Língua Portuguesa

de
Carlos Alexandre Victorio Gonçalves



Rio de Janeiro, julho de 2016.

Como o perigo de desagradar provém principalmente da dificuldade em avaliar quais as coisas que se notam e quais as que não são notadas, pelo menos por prudência nunca deveria a gente falar de si mesmo, pois esse é um tema em que seguramente a nossa visão e a alheia não coincidem nunca.

Michel Proust

MEMORIAL

“Há quem diga que falar de si mesmo é quase um crime. Ouve desde criança que falar de si, especialmente falar bem de si, é ser alguém convencido — seja lá o que isso signifique”.

Claudionor Ritondale. Poesia da precariedade.

Como João Cabral de Melo Neto, *“sempre evitei falar de mim, falar-me”*, ainda mais tendo que falar bem de mim sem parecer convencido. Mas, afinal de contas, que é um memorial senão uma autobiografia que descreve e analisa criticamente os acontecimentos da trajetória acadêmico-profissional de alguém, relevando cada etapa de sua experiência ao longo do tempo? Já que o gênero assim impõe, aproveito-me da oportunidade, para render uma justa homenagem aos principais responsáveis pelo meu desenvolvimento moral e intelectual, pois,

*Quando falo de mim... de quem falo?
Se eu sou uma mistura dos outros
Se sou o que aprendi com os outros
Sou um pouco de todos os que por mim passaram
(João Talvé)*

Meu interesse pelas Letras surgiu bem cedo, em uma época em que, encantado com as histórias infantis, decorava todos os contos de um livrinho que minha saudosa mãezinha não cansava de ler pra mim. Todos pensavam que eu, com apenas três aninhos, já sabia ler, tamanha a ênfase dava a cada frase que “lia” desse referido livro ilustrado. Minha mãe, orgulhosa do seu pimpolho, dizia que eu já sabia ler, mas, na verdade, apenas conseguia decorar todos os diálogos das várias estorinhas docilmente contadas para mim.

Os anos passaram e eu, já leitor, interessava-me especialmente pelo gênero dramático: aos oito anos, tive contato com as obras de Maria Clara Machado e Monteiro Lobato. Assim, ainda criança, crescia interpretando vários

personagens nas festas de fim de ano com primos e primas, no autêntico estilo ator-diretor de peças infantis que insistia em fazer a cada ano novo, quando minha avó, em decorrência de seu aniversário, reunia seus dez filhos e mais de quarenta netos.

Não demorou muito para que eu acabasse ingressando em grupos de teatro amador, na adolescência, acreditando fielmente que seria ator. No antigo segundo grau, passei a estudar à noite e assim me dedicar ao teatro durante o dia. Minha dedicação foi tanta que acabei deixando o estudo para poder ganhar algum dinheirinho com projetos em escolas, encenando peças infantis, o que culminou, inclusive, na minha transformação em Papai Noel do meu antigo bairro de subúrbio, por dois anos consecutivos.

Voltei aos estudos e encontrei quem seria meu tutor: Antonio Manoel Nunes, um professor de português “diferentão”, “pra frente”, amante da literatura, que me presenteou com empréstimos de várias obras teatrais as quais não tinha condições de adquirir naquele tempo. Conhecia, enfim, os clássicos do teatro brasileiro — Martins Pena, Arthur Azevedo e Nelson Rodrigues, dentre tantos outros. Nessa época, já não restava a menor dúvida: iria para as Letras pelo Teatro, pois queria, como meu Mestre, estudar literatura, sobretudo o teatro brasileiro. No entanto, o caminho seria duro, pois, embora fosse um bom aluno, estudava em escola pública o que tornava muito difícil passar no vestibular então unificado, mesmo para o curso de Letras, sempre menos concorrido. Nas palavras do meu orientador-guru, não bastava ser o melhor dos piores; tinha de ultrapassar meus limites e vencer minhas limitações, sobretudo financeiras, pois não tinha condições de pagar um cursinho.

Estudei, estudei e estudei. Sozinho. Noites a fio. De segunda a segunda. Pela televisão: ‘telecurso segundo grau’ (Globo), ‘aprenda inglês com música’ (antiga TVE). Acordava cedo para ver os programas, depois trabalhava em uma farmácia e então ia à escola à noite. O esforço foi recompensado — apesar de não ter passado para a UERJ, minha primeira opção, pois esta me possibilitaria continuar trabalhando, ao oferecer curso noturno. Como lembra Caio Fernando

Abreu, “não importa quantas moedas você joga na fonte, ou o número de dedos que você cruza, se não é pra ser, não vai ser”. Ingressei na UFRJ, em 1987, no curso diurno (na época, parte matutino, parte vespertino) e sabia que seria difícil ficar sem trabalho, mas com isso finalmente iria estudar o que mais desejava: literatura.

Minha ida para a UFRJ seria marcada por grandes obstáculos, mas me confortava com as palavras de Nemo Nox: “Pedras no caminho? Eu guardo todas. Um dia vou construir um castelo”. Cheguei à UFRJ com alguma preocupação, mas com uma certeza: aprofundaria meus conhecimentos em literatura. Ledo engano. Como diz Schopenhauer, “o destino baralha as cartas, e nós jogamos”.

Já no primeiro período, quando entrei em contato com a Linguística, tive a certeza de que tinha me encontrado: apaixonei-me completamente pelo novo horizonte que se me abria — estudar cientificamente a língua, sem preconceito das normas populares!, descrever os sons da fala!!, a combinação de elementos para formar palavras!!!, a relação entre língua e cultura!!!!, entre linguagem e pensamento!!!!, tudo isso era instigante demais para mim, que também tinha um pé nas exatas e via ali a conciliação das letras com os números. A literatura, por sua vez, passou a segundo plano desde então, pois meu crescente interesse pela linguística acabou por me dar a total convicção de que meu caminho seria diferente do percorrido pelo meu tutor. Quando contei a ele, com certa apreensão, meu novo interesse, relatando-lhe que, na verdade, eu gostava era de consumir literatura (não propriamente estudar ou fazer literatura), meu mestre apoiou-me prontamente: via em mim, muito mais do que eu, alguém que poderia ir muito longe em seus sonhos e ideais, e sua presença em minha vida foi, sem dúvida alguma, um presente de Deus.

Já no segundo período, no curso de Fonética e Fonologia (Linguística II), a professora Maria Cecília Mollica me convidou para fazer parte de seu grupo e me ofereceu uma bolsa de Iniciação Científica, dado meu profundo interesse pela área. Ela não sabe disso, mas, sem essa bolsa, talvez não conseguisse

concluir meus estudos, pois necessitava trabalhar: não tinha condições de custear as despesas com passagens e cópias de Xerox (livros, nem pensar!). A ida para o PEUL, através da Cecília, foi, sem dúvida alguma, um marco na minha vida, pois, com a bolsa, consegui me dedicar integralmente à graduação e, ainda, entrar em contato com a pesquisa em linguística, o que me proporcionou o encontro com metodologias, teorias, leituras para além do que se tem em sala de aula.

Com uma situação agora mais estável, passei a concentrar toda minha formação na área dos estudos linguísticos, pois, naquela época, dez créditos eram optativos e cumpri todos eles em disciplinas de orientação mais linguística (incluindo filologia e língua portuguesa). Passei para a Monitoria em Linguística e também fui monitor de Filologia e de Língua Portuguesa e já na graduação participei não apenas de Jornadas de Iniciação Científica, mas também de congressos tanto no Rio, quanto em São Paulo, divulgando meus primeiros resultados da pesquisa sobre aférese e prótese da vogal [a]. O incentivo da prof. Cecília foi fundamental nesse sentido e não tenho como deixar de expressar minha profunda gratidão a ela neste texto.

Tive o privilégio de ser o primeiro bolsista da FAPERJ na área dos estudos linguísticos, em 1988, época em que a fundação abriu espaço para as humanas através de edital. Usufruí, como aluno, de todos os benefícios que a pesquisa podia oferecer naquela época: recebi, pelo trabalho no PEUL, várias cotas de bolsas da FUJB para a realização de atividades extras de transcrição e codificação de dados. Desse modo, minha graduação foi praticamente em linguística, tamanha a minha inserção na área. Concluí a graduação em três anos e meio, conseguindo compensar meio semestre do ano de estudo perdido no 2º. grau, em função do teatro. Recebi distinção acadêmica, *summa cum laude*, por apresentar CRA (Coeficiente de Rendimento Acadêmico) superior a 9,0.

Logo após a formatura, fui para a UERJ fazer Especialização em Linguística e lá fiquei até o final de 1991, quando, orientado pela Profa. Dra. Eulália Fernandes, desenvolvi monografia sobre fonologia, na linha das

patologias da fala. Na UERJ, tive contato com mestres inesquecíveis: Amaro Ventura Nunes e Ramon Quintela. Também nessa época, especializei-me em língua espanhola na UFRJ, em 1991, com monografia sobre o contraste histórico entre o português e o espanhol. Nas duas especializações, obtive o conceito A em todas as disciplinas cursadas. Muitos dos trabalhos de final de curso foram apresentados em congressos ou publicados em anais, periódicos e capítulos de livro.

Após me graduar, percebi que, como professor, conseguiria (re)conciliar-me com o teatro: ser professor é ser um pouco ator, diz Suassuna, e percebi isso, inclusive, nos tablados existentes em várias salas de aula em que *atuei* (o grifo serve para ressaltar a polissemia do verbo). No entanto, não queria restringir-me ao ensino; tinha de continuar a pesquisa, que tanto me completava, por minha profunda curiosidade e pelas perguntas que fazia sem obter a pronta resposta. Já sabia, nessa época, que é com perguntas que a ciência avança; não com respostas.

Passei em primeiro lugar tanto no Mestrado em Linguística para a UNICAMP quanto no Mestrado em Filologia para a UFRJ. Tinha a pretensão de fazer os dois cursos simultaneamente, além de ministrar quase 40 horas semanais em escolas da rede particular de ensino. O cansaço, no entanto, venceu. Com o falecimento do prof. Fernando Tarallo, que seria meu orientador na UNICAMP, não hesitei em ficar apenas na UFRJ, levando adiante meus estudos sobre aférese e prótese da vogal [a], iniciados na graduação. Com a orientação da Profa. Dra. Cecília Mollica, defendi a dissertação em 1993, com a observação do Prof. Dr. Sebastião Vôtre, um dos membros da banca, que aquele trabalho valia como tese de doutorado e que lamentava a UFRJ não dar o título de doutor a candidatos com o perfil que ele dizia eu ter naquela época. Obtive o conceito A em todas as nove disciplinas cursadas, sendo aluno de nomes como Yonne de Freitas Leite, Margarida Basilio, Miriam Lemle, Sebastião Vôtre, Alzira Tavares de Macedo e Anthony Naro. Transferi para a UFRJ os créditos feitos na UNICAMP com as professoras Ingedore Koch e Eleonora Albano. Tinha, nessa época, o incentivo de um professor com quem fiz várias disciplinas

na graduação e uma na pós: Humberto Peixoto de Menezes, que, com sua clareza e com a profunda paixão e humildade com que transmitia seu saber — típica dos grandes mestres —, quase me levou para os caminhos da teoria gerativa.

Durante o mestrado, fui aprovado no concurso para substituto de língua portuguesa e já atuava, em 1992, como professor da UFRJ. Na época, fui a diversos congressos no Brasil e no exterior e publiquei vários artigos em importantes periódicos, alguns Qualis A1, como a Revista de Estudos da Linguagem (UFMG). Já vinha, então, me projetando como pesquisador na área, com ênfase em fonologia e morfologia, minhas duas principais paixões.

Com a obtenção do título de mestre, credenciava-me, na época, a fazer vários concursos públicos para o magistério superior, pois a concorrência ainda não era tão acirrada, e poucos eram os concursos que exigiam o doutorado. Fui aprovado para a UNIOESTE (PR), em concurso para professor auxiliar, mas não assumi, esperando que aparecesse algum concurso no Rio, o que aconteceu ainda no segundo semestre de 1993, logo após a obtenção do título de mestre.

Foi duro o concurso para Professor Assistente da UERJ, pois mal tinha terminado o Mestrado e concorria com vários doutores, dentre os quais o saudoso Mário Eduardo Martelotta e outros colegas igualmente brilhantes, como Lilian Vieira Ferrari e Celso Vieira Novaes. Como acredito que cada vaga de concurso tem seu dono, pois “o destino mexe as pedras no jogo do tabuleiro da vida” (dito popular), o ponto sorteado, na prova escrita, foi, para a minha “sorte”, “Fonologia autosegmental”, tópico sobre o qual tinha, na época, amplo domínio, pois havia acabado de cursar a disciplina com os professores doutores Anthony Naro e Marília Facó Soares e já sabia que iria trilhar esse caminho no doutorado, com a orientação da Prof. Marília. Resultado: fui aprovado em segundo lugar, uma vez que, ainda mestre, não tinha a menor condição de ficar à frente da minha colega Valéria Chiavegatto, primeira colocada no concurso, a qual obteve, como eu, a nota 10,0 dos três avaliadores na prova de aula.

Como a UERJ havia carência de professores de Linguística, logo fui chamado e, assim, em 1993, já era professor efetivo de 3º grau, realizando, então, o sonho iniciado em 1987, quando do primeiro contato com a disciplina, através da mente iluminada de Luiza Osório Berthier, professora apaixonada pela área e apaixonante pelo seu jeito de falar de coisas difíceis com tanta simplicidade e clareza. Agora já não tinha mais volta: a atividade ator se realizaria nas diversas aulas dadas ao longo desses vinte e cinco anos de magistério, quase todos no nível superior. E começaria aprendendo, pois, sem experiência alguma em nível de terceiro grau, queria levar a sério a frase de Cora Coralina: *“feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”*.

Ironia do destino: quis tanto ir para a UERJ para estudar e acabei nessa instituição como professor. De algum modo, minha primeira opção para o então Vestibular Unificado acabava se concretizando, pois lecionava, à noite, para um grupo de alunos que, como eu, aos dezenove anos, precisava trabalhar durante o dia. As vozes dos meus mestres certamente ecoavam em cada aula dada sobre as dicotomias saussureanas, os modelos de análise e os níveis de descrição linguística, entre tantos outros temas.

Amava o que fazia e adorava os amigos que fiz por lá, dentre os quais destaco Maria das Graças Dias Pereira, Mônica Guimarães Saavedra e Valéria Chiavegatto. No entanto, a UFRJ acabou se tornando meu segundo lar, pois lá estava cursando o doutorado, em 1994, e lá ainda vigorava meu contrato como professor substituto de língua portuguesa. Não tardou a abrir vaga para assistente DE nessa instituição e, por já estar bem empregado, hesitei fazer o primeiro concurso, com cinco vagas, no qual ingressaram as queridas Maria Lucia Leitão de Almeida e Maria Eugênia Duarte. Logo em seguida apareceu um concurso para uma vaga e acabei me inscrevendo, sem muita ansiedade com a aprovação, pois estava satisfeito com a UERJ, apesar de ter apenas 20 horas e de lá carecer, na época, de pesquisa e pós-graduação *stricto sensu*.

Minha amiga Sandra Pereira Bernardo (atualmente professora da UERJ, exatamente do setor em que atuei) me incentivou a comparecer à seção pública

de leitura da prova escrita: sabia não ter ido muito bem, por não ter tido tempo de desenvolver as três questões, pois me dediquei demasiadamente às duas questões que menos sabia e deixei por último uma mais fácil, sobre norma, e fui traído pelo tempo. Quando me dei conta, faltavam apenas dez minutos para terminar a prova escrita. Resultado: dois pífios parágrafos sobre o tema que, no entanto, renderam-me pelo menos o meio ponto necessário para obter a média mínima para aprovação: sete. O desempenho medíocre na prova escrita foi compensado pelo excelente rendimento na prova de aula, na qual obtive dez do Prof. João Moraes, que viria a ser meu co-orientador no doutorado, e de mais de nove dos demais membros: a saudosa Profa. Dra. Eneida Bomfim (PUC-Rio) e o Prof. Dr. Castelar de Carvalho (UFRJ), futuro colega de setor. A nota de títulos foi igualmente excelente (9,5), pois já somava bastante produção científica, fruto dos trabalhos desenvolvidos na especialização e no mestrado e da pesquisa que culminou na minha dissertação.

O destino quis que eu fosse aprovado em primeiro lugar no dia dez de março de 1994, dia em que completei vinte e seis anos de idade. Dizem os colegas que eu fui o professor mais jovem a ingressar no Setor de Língua Portuguesa. Comemoração total. Realização daquele sonho de 1987 que se concretizou bem antes que eu pudesse imaginar: apenas quatro anos depois de graduado. Como destaca Goethe, “Quando uma criatura humana desperta para um grande sonho e sobre ele lança toda a força de sua alma, todo o universo conspira a seu favor.”

A saída da UERJ para a UFRJ, com um doutorado em pleno andamento, fez-me dobrar a responsabilidade como professor e como aluno: tinha obrigação, agora, de ser o “melhor dos melhores” e me empenhei muito para ser bom professor e conseguir passar pelo doutorado com êxito. Obtive o conceito A em todas as disciplinas e ganhei uma amiga e primeira parceira em vários trabalhos: a saudosa Raquel Romankevicius Costa. Fizemos praticamente todas as matérias juntos e formamos uma dupla inseparável, ainda que, muitas vezes, não pudéssemos fazer os trabalhos de final de curso em regime de coautoria. Com Raquel, aprendi a trabalhar em grupo, a ouvir mais o outro, a

ceder e a deixar no papel, num texto em regime de coautoria, apenas o que passasse pelo crivo dos dois, pois seríamos igualmente responsáveis pelas colheitas dessas reflexões, as quais teriam de ser, necessariamente, consensuais. Assim seriam todos os meus textos em conjunto, nas demais parecerias desenvolvidas daí em diante.

Convivi, no doutorado, com colegas muito queridos, quase todos hoje professores de universidades federais e especialistas em suas áreas de atuação: Christina Abreu Gomes (UFRJ/PPG Linguística), Jussara Abraçado (UFF), Pierre Guisan e Márcia Pietrolungo (UFRJ/PPG Neolatinas), Helena Franco Martins (PUC-Rio) e o saudoso João Luiz Azevedo (UFRRJ), de quem falarei mais adiante.

Se a morfologia teve destaque na minha dissertação de mestrado, na tese de doutorado foi a fonologia o módulo privilegiado. Na tese, o fenômeno da focalização foi investigado à luz das teorias fonológicas de interface com a sintaxe. Apesar de ser de orientação tipicamente gerativista, a tese não deixou de contemplar o efeito da focalização em nível discursivo-pragmático e, também, as estratégias morfológicas de intensificação. Na verdade, tentei capturar o fenômeno sob vários ângulos e utilizei, para tanto, uma metáfora como fio condutor da descrição: a da máquina fotográfica, pois, a despeito da formalidade do gênero, nunca perdi a sensibilidade literária/jornalística, o que se manifesta não apenas nos títulos dados a diversos artigos (*“Falara-se mais que perfeito”*, *“Na sextaneja com a caipifruta da tiadrasta”*, *“Se a macumba é para o bem, então é boacumba”*, *“Trunca em portuguesa”* etc.), como também no estilo próprio impresso na dissertação e na tese.

De nauta na dissertação, passei a fotógrafo na tese. Se, no mestrado, o estilo foi motivo de elogios, na tese, recebi duras críticas do Prof. César Reis (UFMG), ainda que ele tenha elogiado o trabalho, aprovado com A por unanimidade, em uma defesa que durou quase seis horas e também contou, na banca, com as professoras doutoras Bernadete Abaurre (UNICAMP) e Yonne Leite (Museu Nacional), além dos orientadores, Marília Facó (Museu Nacional)

e João Moraes (UFRJ). Em uma época em que o doutorado tinha duração de sete anos, consegui concluir as oito disciplinas (três por semestre) e elaborar a tese em apenas três anos e meio. Tornei-me doutor, em 1997, com apenas 29 anos de idade, o que, na ocasião, não era um fato nada rotineiro, como nos dias de hoje.

Então, já professor e, agora, doutor, passaria a adjunto e assumiria novas responsabilidades. Tinha aprendido, com Fernando Pessoa, *“que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares”* (...). Agora era o *“tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”*.

A experiência em sala de aula e o árduo trabalho de doutorado, que perpassou por diversas áreas, deixaram minha mente em ebulição, tantas eram as ideias sobre fenômenos que queria pesquisar. Tinha muitos projetos em vista e a certeza absoluta de que não conseguiria dar conta nem de um terço do que me interessava estudar. Foi com essa vontade enorme de pesquisar que me credenciei para o Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV) no ano de 1998 e lá me encontro, até hoje, como membro permanente do quadro docente. Assim, como pesquisador e, posteriormente, como líder de grupo de pesquisa, consegui materializar, por meio da orientação acadêmica, grande parte das idéias sobre temas e problemas em morfologia e fonologia do português, com especial destaque para a interface desses componentes. A orientação é, sem dúvida alguma, o encontro entre pesquisa e ensino e, se não conseguimos investigar tudo, podemos ensinar a investigar e acompanhar, passo a passo, os rumos que o trabalho vai tomando. Com a orientação, sinto-me cocondutor da pesquisa, o que equivale, de certo modo, a deixar transparecer um pouco de mim e um pouco do que penso nos resultados dessas análises.

Nesses dezessete anos de PPGLEV, ministrei cerca de quinze cursos diferentes, quase todos oferecidos simultaneamente para o mestrado e o doutorado. Para mim, as turmas de pós-graduação funcionam como uma

espécie de laboratório, pois me obrigo a desenvolver, muitas vezes junto com os alunos, uma série de leituras que quero / preciso fazer, mas sempre acabo deixando para mais tarde, por conta da falta de tempo. Nesses anos, só repeti mesmo, por sua relevância para os alunos da pós, duas disciplinas: (1) Interface morfologia-fonologia e (2) Introdução à morfologia do português. Obrigando-me a estudar para pôr as leituras em dia, as disciplinas da pós acabam sempre rendendo bons produtos: livros monoautorais, obras organizadas ou, pelo menos, artigos em periódicos. Assim, pelo PPGLEV, ministrei, entre outras, as seguintes disciplinas: Introdução à Teoria da Otimalidade, Introdução à Morfologia Austossegmental, Morfologia Prosódica, Morfologia não concatenativa do português, Interface morfologia-semântica, Fronteiras da morfologia: por uma morfologia sem fronteiras, Temas e problemas de morfologia. Também são oriundas das aulas na pós-graduação inúmeras orientações de mestrado que não tiveram início na graduação.

De 1998 para cá, desenvolvi mais de dez projetos de pesquisa, quase todos com a subvenção do CNPq, através da concessão de Bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ), desde o ano 2000. De todos os projetos desenvolvidos, dou destaque a dois, por sua maior relevância / abrangência para minha trajetória como pesquisador: “Processos morfológicos não concatenativos do português brasileiro: correspondência e simpatia” (2005-2007) e “Composição e derivação: constituintes morfológicos, enfoques e perspectivas de análise” (2013-2016). O primeiro respondeu pela formação de muitos pesquisadores, alunos de mestrado e doutorado, hoje professores de universidades e institutos federais. O segundo por ter sido premiado pela FAPERJ com a rubrica “Cientista do Nosso Estado” (2013).

Todos os projetos desenvolvidos no PPGLEV contaram com a participação de alunos de Iniciação Científica (IC) do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), pois, desde 2000, sou sempre contemplado com duas bolsas. Além do PIBIC, também recebi, em vários períodos, bolsas de IC da FAPERJ. Os diversos projetos também foram contemplados com auxílios variados dos órgãos de fomento, seja para a

participação em eventos científicos (CAPES, CNPq, FAPERJ), seja para a compra de equipamentos (APQ1, da FAPERJ) ou para o apoio financeiro a grupos consolidados no país (Edital Universal, CNPq).

Fundamental para a implementação das pesquisas que tinha em mente foi a criação, juntamente com a Profa. Dra. Maria Lucia Leitão de Almeida, do NEMP (Núcleo de Estudos Morfossemânticos do Português), grupo interinstitucional com sede na UFRJ (sala D-01) e participação de docentes doutores de várias universidades, tanto no Brasil quanto no exterior. O NEMP é, hoje, referência para as pesquisas em morfologia, pois em sua página (www.nemp.com.br) se encontra registrada e disponível para *download* toda a produção científica desenvolvida pelo grupo, incluindo as dissertações e teses. Conseguia, então, com o NEMP, como líder de grupo de pesquisa consolidado no país, realizar os diversos projetos que idealizava com o auxílio de alunos de vários níveis: graduação, mestrado e doutorado.

Pelo PPGLEV, orientei 60 trabalhos de final de curso: 38 dissertações de mestrado (3 em andamento) e 22 teses de doutorado (4 em andamento). Das 22 orientações de doutorado, 14 (quase 70%) iniciaram-se no mestrado: Neide Higino da Silva, Regina Simões Alves, Vitor de Moura Vivas, Bruno Cavalcanti Lima, Ana Paula Victoriano Belchor, Katia Emmerick Andrade, Hayla Thami Lage, Luciana de Albuquerque Daltio Vialli, Marisandra Costa Rodrigues, Roberto Botelho Rondinini, Marco Antonio Ferreira Marinho e Mônica de Toledo Piza Costa Machado (concluídas), João Carlos Tavares da Silva, José Augusto Pires, Patrícia Affonso de Oliveira e Bruna Fernanda Cândido (em andamento). Por sua vez, das 38 dissertações de mestrado orientadas, 19 (exatamente 50%) são oriundas da iniciação científica. Esses dados revelam um trabalho contínuo de orientação, e esse trabalho se inicia na graduação, pois é de lá que provém, hoje em dia, a maioria das orientações em nível de pós-graduação.

Na graduação, praticamente ministrei todas as disciplinas obrigatórias do Setor de Língua Portuguesa, excetuando-se as de sintaxe. No entanto, meu

trabalho acabou se concentrando em três cursos: morfologia, fonologia e história da língua. Nessas disciplinas, procuro aplicar às descrições modelos teóricos recentes, capazes de dar conta de aspectos não abordados pela tradição gramatical.

Na disciplina Fonologia do Português, venho enfatizando a diversidade que o português brasileiro apresenta. Fenômenos de variação fonológica ganham destaque nesse curso, uma vez que procuro apresentar aos alunos a fotografia sociolinguística da língua falada no Brasil. No curso de Morfologia do Português, baseio-me, sobretudo, em diversos artigos que publiquei sobre aspectos controversos da morfologia do português. Em História da Língua, enfatizo as mudanças fonológicas e morfológicas, mostrando que o passado pode iluminar o presente, assim como o presente pode iluminar o passado. Assim, busco iniciar os alunos nos estudos recentes nessas áreas e venho tentando apresentar um novo olhar sobre fenômenos fonológicos e morfológicos, nas dimensões sincrônica e diacrônica.

Tenho conduzido para a Iniciação Científica, desde 1998, alunos das várias turmas de graduação em que atuei, conseguindo instigá-los a investigar algum fenômeno por mim sugerido e, em alguns casos mais raros e isolados, fenômenos sugeridos pelos próprios alunos. Considerando as apresentações nas Jornadas de Iniciação Científica, foram, ao todo, 67 orientações de IC, muitas das quais acabaram culminando em trabalhos de mestrado e, posteriormente, de doutorado. Foram 17 os alunos que seguiram comigo da Iniciação Científica ao doutorado, o que muito me orgulha, não apenas pela responsabilidade quase absoluta pela formação desse pessoal qualificado, mas, principalmente, porque vários desses alunos continuam no NEMP, agora na qualidade de pesquisadores, instituindo novas parcerias e ampliando o espectro de atuação do grupo. Tal é o caso, por exemplo, do aluno Vitor de Moura Vivas, que criou, pelo IFRJ, o grupo “Morfologia e uso: por novas perspectivas para o ensino de português”, do qual sou membro, e orienta alunos de IC da UFRJ, tendo recebido prêmios do instituto e divulgado, com os alunos, os resultados da pesquisa em congressos e periódicos.

Também merecem destaque, no âmbito das orientações de IC, as várias menções honrosas de trabalhos apresentados nas Jornadas de Iniciação Científica. Tive vários alunos representando a Faculdade de Letras na final das Jornadas pelo Centro de Letras e Artes: Patrícia Affonso de Oliveira, Vitor de Moura Vivas, Caio Castro César da Silva, Rosângela Gomes Ferreira, Bruno Cavalcanti Lima, Ana Paula Victoriano Belchor, Hayla Thami da Silva, George de Azevedo Madeiro e Marco Antônio Ferreira Marinho, este último o grande vencedor do ano 2000.

Em decorrência de trabalhos de extensão, ministrei, fora da UFRJ, vários cursos em nível de especialização, pós-graduação *lato sensu*, de que o PPGLEV não dispõe, na subárea Língua Portuguesa. Foram várias as instituições em que atuei: UNIGRANRIO, FEUC, USS e Faculdades Integradas Simonsen, por exemplo. Fruto do trabalho nessas instituições são as 18 orientações de monografias de final de curso e a participação em 30 bancas. Alguns alunos das diversas universidades em que ministrei aulas de pós-graduação *lato sensu*, na qualidade de prestador de serviço, acabaram ingressando no mestrado em Letras Vernáculas. Tal é o caso, por exemplo, de Alexandra Mouzinho de Oliveira, Luiza Fernandes Tem Tem e Sônia Monteiro Mendes. Nesse aspecto, destaco a aluna Regina Simões Alves, que concluiu tanto o mestrado quanto o doutorado.

Por fim, além das orientações de IC, monografias de especialização, dissertações de mestrado e teses de doutorado, também orientei 11 monitores de morfologia, em diferentes períodos, e supervisionei o estágio de pós-doutoramento de André Luiz Faria (UESB), por ter sido contemplado, pelo CNPq, com uma cota de bolsa PDJ (*Pós-Doutorado Júnior*). Recentemente, com a oficialização da monografia de final de curso na graduação em Letras da UFRJ, já fui responsável pela condução e conclusão de cinco trabalhos (totalizando mais de 150 orientações, nas suas mais variadas modalidades).

Logo após ingressar no PPGLEV, como docente do quadro permanente, realizei, nos anos de 2001-2002, estágio de pós-doutoramento na UNICAMP,

sob a supervisão da Profa. Dra. Bernadete Abaurre. Na biblioteca do IEL (Instituto de Estudos da Linguagem), uma das principais na área de Linguística, tive a oportunidade de entrar em contato, numa época em que praticamente não havia material bibliográfico eletrônico na área, com uma série de periódicos contendo vários artigos na linha de pesquisa em que estava acabando de ingressar: a morfologia não concatenativa, sobretudo em suas abordagens morfoprosódica e otimalista.

Os seis meses de pós-doutoramento na UNICAMP, subvencionados pelo CNPq, por meio de bolsa, foram de vital importância para a execução de um projeto de pesquisa que já contava, na época, com quase dez integrantes, entre alunos de graduação e pós-graduação, ávidos por novidades nos modelos teóricos que estávamos, então, privilegiando no tratamento formal dos processos não concatenativos de formação de palavras: a Morfologia Prosódica (MP) e a Teoria da Otimalidade (TO). Com o pós-doutorado, termina minha formação acadêmica e se inicia um frutífero período de produção científica, pesquisa e orientação.

Os grandes divisores de águas em minha produção científica foram, sem dúvida alguma, o ingresso no PPGLEV e o pós-doutoramento na UNICAMP. No século passado (até o ano 2000), tive uma produção bem eclética, apesar de quase totalmente voltada para a fonologia: publiquei sobre vários assuntos, desde as inserções parentéticas (digressões) — em uma linha mais discursivo-pragmática — até o ensino do texto e às patologias da fala, passando, obviamente, pelos temas de minha dissertação de Mestrado (linguística histórica, difusão lexical e variação morfofonológica) e Tese de Doutorado (interface fonologia-sintaxe, prosódia e estratégias de focalização, nos mais variados níveis de manifestação: do fonológico ao discursivo).

Foram, no total, 16 artigos em periódicos, vários deles hoje avaliados, na tabela CAPES, como Qualis A: Revista de Estudos da Linguagem (UFMG), DELTA (PUC-SP), ALFA (Unesp), Signum (UFPR) e Letras & Letras (UFU), por exemplo. Além disso, foram 26 trabalhos completos em anais de Congressos,

muitos deles importantes na área, como os do GEL, da ABRALIN e da ASSEL-Rio, especialmente em uma época (a) em que ainda se valorizava a publicação em atas de eventos científicos; (b) eram poucos os periódicos existentes na área; e (c) as poucas revistas não tinham formato eletrônico, o que requeria um gasto excessivo com sua publicação, levando-as, quase sempre, a uma periodicidade anual.

Como tesoureiro da Assel-Rio, por convite e confiança da saudosa amiga Cláudia Roncarati (UFF), organizei com ela dois números dos Anais dessa associação científica e, mais tarde, na gestão 1998-1999, publicamos, Maria Lucia Leitão de Almeida e eu, os textos selecionados em dois livros: *“Tradição e Ruptura nos estudos da linguagem”* e *“Estudos da Linguagem: Atualidade e Paradoxos”*. Organizamos, também, desta vez com a colaboração da colega Maria Eugênia Duarte, o primeiro número da Revista *Laços*. Nessa época, já somava mais de cinquenta apresentações em eventos nacionais e internacionais, embora, como frisei mais acima, em áreas bastante diversificadas.

A partir do século XXI, minha produção se concentraria em duas frentes de trabalho: a morfologia e a fonologia, com especial destaque para a interface desses dois componentes. No âmbito dos estudos propriamente fonológicos, os principais fenômenos investigados — além das relações da prosódia com a sintaxe, fruto de minha tese de doutorado — foram os ditongos decrescentes, as estratégias de que a língua se vale para desfazer hiatos e para adaptar os empréstimos do inglês e a atribuição do acento lexical, o que rendeu, além de artigos em periódicos Qualis A, também orientações de teses e dissertações (Marsiandra Costa Rodrigues, Alexandra Mouzinho, Luiza Tem Tem, Sônia Mendes e Roberto Rondinini).

Na morfologia, são dois meus principais interesses: (a) a interface com a fonologia e (b) as fronteiras internas desse componente. Em relação ao primeiro tema, além de um livro monoautorial (*Iniciação à morfologia não linear*, 2009) e de duas obras organizadas em que assino vários capítulos (*Introdução à teoria da otimalidade*, 2009; *Processos “marginais” de formação de palavras*, 2016), tive a

oportunidade de publicar cerca de quarenta artigos, inclusive nos mais importantes periódicos da área, como a DELTA (3 artigos), a Revista de Estudos da Linguagem (2 artigos), a ALFA (3 artigos), a Veredas (2 artigos) e a Revista da ABRALIN (2 artigos). Quase todos esses textos são referenciados em vários trabalhos científicos, apesar da especificidade da área, considerada “dura” e, por isso mesmo, pouco atraente para um público não especializado. Os dados a seguir são fornecidos pelo *Google Scholar*:

[Relações de identidade em modelos paralelistas: morfologia e fonologia](#)

CA Gonçalves - Delta, 2005 - SciELO Brasil

[Citado por 15](#)

Condições de minimalidade no molde da Hipocorização

CA GONÇALVES - Revista de Estudos da Linguagem, 2004

[Citado por 10](#)

[Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português](#)

CA Gonçalves - Gragoatá, 2006 - gragoata.uff.br

[Citado por 13](#)

[Processos morfológicos não-concatenativos do português brasileiro: formato morfoprosódico e latitude funcional](#)

CA Gonçalves - ALFA: Revista de Linguística, 2004

[Citado por 16](#)

Devo reconhecer, ainda que com alguma modéstia, que fui pioneiro, no Brasil, no estudo dos processos não concatenativos de formação de palavras, sobretudo nos enfoques teóricos adotados — a MP e a TO. Há referências ao meu trabalho sobre morfologia não concatenativa inclusive no exterior, não apenas pelos colegas portugueses (Alina Villalva, Graça Rio-Torto e Maria do Céu Caetano), mas também por artigos publicados em periódicos de importantes centros de investigação linguística, a exemplo de “*Current Studies in Portuguese Linguistics*”, por John B. Jensen, da Florida International University (2005) e “*Combining successor and predecessor frequencies to model truncation in Brazilian Portuguese*”, de Mike Pham e Jackson L. Lee, da University of Chicago (2014).

A tese de doutorado de Antonio Grau Sempere, *Conflicting Quantity Patterns in Ibero-Romance Prosody*, pela Universidade do Texas (Austin), parte dos trabalhos que eu e meus ex-orientandos Hayla Thama da Silva e Bruno Cavalcanti Lima realizamos sobre a hipocorização no PB. Também a tese de Sonia Ramírez Wohlmuth, da Universidade da Flórida, “*Persistence of the latin accent in the nominal system of castilian, catalan and portuguese*”, defendida em 2008, cita meus trabalhos em hipocorização e truncamento, dois dos processos não concatenativos com que trabalhei.

No que diz respeito às fronteiras internas da morfologia, flexão-derivação-composição, voltei-me primeiramente para o binômio flexão-derivação, cujas pesquisas renderam dois livros, “*Flexão e derivação em português*” (Ed. UFRJ) e “*Iniciação aos estudos morfológicos*” (Contexto). O primeiro passou a ser referência em diversos cursos de morfologia no Brasil: na UERJ, na UFBA, na UESB, na UFF e na UFMG. Em 2010, passou a ser referência na bibliografia obrigatória para o ingresso nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* do PPGLEV.

A tiragem de 500 exemplares de “*Flexão e derivação em português*” esgotou em 2008, e o livro não foi reeditado. Como havia várias questões a incorporar, além de trechos que gostaria de rever, acrescentar novos exemplos e explicações diferentes, em função de diversas leituras que fiz ao longo do período, optei por reescrever o livro de tal modo que acabou se tornando uma nova obra: “*Iniciação aos estudos morfológicos*”. A forma inovadora com que a oposição flexão-derivação foi abordada na obra obteve grande repercussão na área, dada a ampla circulação nacional por meio da Editora Contexto. Hoje, o livro é leitura obrigatória para o ingresso em vários programas: UPE, UFJF, UFRGS e UFMS, dentre tantas outras.

Os critérios empíricos usados para descrever as diferenças entre essas duas áreas da morfologia são citados em várias obras de referência, como, por exemplo, em Schwindt (2015), um manual recentemente publicado pela Vozes¹.

¹ SCHWINDT, L. C. (org.). *Manual de Linguística*. Petrópolis: Vozes.

Tive a honra de receber uma resenha do renomado linguista José Borges Neto (UFPR) nos importantes Cadernos de Estudos Linguísticos da UNICAMP, em 2012². Os seguintes fragmentos são, para mim, motivo de muito orgulho:

Um dos méritos do autor é a clareza de sua argumentação: o livro é muito bem escrito, em todos os sentidos (...). O trabalho de Carlos Alexandre Gonçalves é muito interessante e tem o mérito de colocar de forma inovadora para o público brasileiro uma questão que tem determinado o gasto de muito papel e tinta (...). Volto a afirmar que o livro de Gonçalves, no contexto em que se realizam as pesquisas sobre o assunto, é excelente (BORGES NETO, 2012: 308).

A abordagem inovadora sobre a manifestação morfológica do grau foi tema de uma questão da prova para o magistério de língua portuguesa do Instituto Federal de Educação Tecnológica (IFRJ), realizada em 2010, em que — veja se pode! — minha proposta era confrontada à do ilustre Mattoso Câmara Jr.:

“Na descrição da linguística tradicional, flexão e derivação são vistas como categorias estanques, ou seja, determinados grupos de elementos linguísticos são classificados como pertencentes a uma categoria ou a outra, de forma exclusiva. Dessa maneira, as categorias nominais de gênero e número são consideradas como flexionais; além disso, existe uma discussão, proposta por Mattoso Câmara Jr., que considera a categoria de grau como derivacional, e não como flexional, como vinha sendo considerada até aquele momento. Por outro lado, Gonçalves (2005) defende que as morfologias flexional e derivacional formariam um *continuum*, ou seja, *flexão e derivação não envolveriam uma oposição discreta, mas gradiente, sendo interpretada como um processo morfológico único, de natureza escalar ou contínua* (p.

² Borges Neto, J. Flexão e Derivação: será que os tratamentos dados a esta distinção não adotam uma perspectiva ‘enviesada’? Resenha crítica de Gonçalves, Carlos Alexandre. Iniciação aos Estudos Morfológicos: flexão e derivação em português. São Paulo: Contexto, 2011, 160 páginas (ISBN 978-85-7244-635-8). *Cadernos de Estudos Linguísticos* (54.2) – Jul./Dez, p. 301-317, 2012

118). Compare as duas possibilidades de descrição, utilizando exemplos do português”.

Posso dizer, pelos motivos acima, que as considerações que fiz sobre flexão e derivação em português renderam bons frutos: (a) obras de referência na área, (b) dissertações e teses, como os trabalhos de Mônica Piza, Vitor de Moura Vivas e Regina Simões Alves, (c) vários artigos científicos, dos quais destaco o capítulo “Flexão e derivação: o grau”, do livro “*Ensino de português: descrição e uso*” (organizado por S. Brandão e S. Vieira), também pela Editora Contexto em 2007, e “*Até que ponto a Flexão é relevante sintaticamente?*”, do livro “*Caminhos em Linguística*” (organizado por L. Yakovenco e P. Lins), pela Editora NUPLES em 2002. Destaco esses capítulos pelo número de retornos recebidos quando buscados pela ferramenta eletrônica *Google*. Para o primeiro, por exemplo, acusam-se 50 citações.

Mais recentemente, meu interesse incide sobre os limites e as interseções entre os dois principais processos de formação de palavras: a composição e a derivação. Desde 2010, tenho conseguido, nessa linha de investigação, conciliar meu estudo sobre os processos não concatenativos com as pesquisas sobre as fronteiras internas da morfologia. A motivação para este estudo resultou de duas diferentes frentes de trabalho que desenvolvi sobre a morfologia do português brasileiro. A primeira é a descrição de processos como o cruzamento vocabular e o truncamento, analisados em diferentes abordagens teóricas sobre a interface morfologia-fonologia, sobretudo a MP e a TO. A segunda, mais recente, é a tentativa de demarcar as fronteiras entre composição e derivação, de modo a fornecer instrumental analítico adequado para a investigação dos diversos processos que transitam nos limites entre esses dois principais mecanismos de formação de palavras. O tema, portanto, constitui desdobramento natural de pesquisas que vinha realizando nessas duas áreas.

Muitos já foram os produtos dessa nova linha de investigação: dois livros monoautorais (*Atuais tendências em formação de palavras*, pela Contexto, 2016, e *Morfopragmática e Morfologia Diacrônica*, um e-book publicado pela Booklink em 2006), mais de 20 artigos em periódicos, quase todos Qualis A e B1, como, por

exemplo, a Matraga (1), a Revista da Abralín (1), a Signum (1), a REVEL (2), a Domínios de Lingu@agem (1), a Forum Linguístico (2), a Linguística (3) e, principalmente, a Revista da ALFAL (1), texto que, escrito em espanhol em parceria com Katia Emmerick Andrade, é a principal referência em pelo menos quinze orientações de mestrado/doutorado.

Com esse tema, organizei, em 2012, o terceiro volume dos Cadernos do NEMP (ISSN 2236-9325) — que, por mim idealizado e criado em 2010, já está avaliado como B4 na tabela Qualis — com diversos trabalhos de alunos, meus ou não, que elaboraram suas monografias de final de curso escolhendo um formativo e o analisando à luz das ideias apresentadas em um conjunto de trabalhos que se tornou praticamente instrumental teórico, em português, para o estudo de elementos morfológicos de difícil categorização: “*Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum*” (Domínios de Lingu@agem, UFU, 2011) e “*El status de los componentes morfológicos y el continuum composición-derivación en portugués*” (Linguística, Madrid, 2012). Esses artigos, além de outro estudo sobre composição neoclássica, a seguir referenciado, aparecem no Google com as seguintes informações a respeito de suas citações:

[Composição e Derivação: polos prototípicos de um continuum ...](#)

www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/13644

de CAV Gonçalves - 2011 - [Citado por 19](#)

[El status de los componentes morfológicos y el continuum ... - Dialnet](#)

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4163833>

de CA Gonçalves - 2012 - [Citado por 15](#)

[Compostos neoclássicos: estrutura e formação. ReVEL](#)

www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_5_compostos.pdf

de CA Gonçalves - [Citado por 14](#)

Embora minhas publicações em anais e atas de congressos tenham sido mais numerosas no século passado, também publiquei, nesse veículo de divulgação científica, importantes artigos, quase todos sobre os processos não concatenativos. Foram, ao todo, 24 trabalhos completos. Dou destaque aos congressos internacionais, como os da APL (Associação Portuguesa de

Linguística), O I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas, o Congresso da ALFAL (Associação de Linguística e Filologia da América Latina), os encontros da ABRALIN e o XX Simpósio de Telecomunicações - SBrT'03 (2003), cujo trabalho, em parceria com a colega Maria Carlota Rosa e com pesquisadores da COPPE, também rendeu o capítulo "*Grapheme-phone transcription algorithm for a Brazilian Portuguese TTS*" no livro *Computational processing of the portuguese language*, pela Editora Springer (2003).

De todo o conjunto de minha produção científica, dou especial relevo — pela indicação como pesquisador de renome em minha área de especialidade e pela provável repercussão em nível internacional — a dois textos, ambos capítulos de livros publicados no exterior. O primeiro, em parceria com a colega portuguesa Alina Villalva, foi recentemente publicado no *Handbook of Portuguese Linguistics* pela Wiley Blackwell. Nesse trabalho, contrastamos as variedades brasileira e europeia no que diz respeito aos processos flexionais e de formação de palavras, analisando sempre a contraparte fonológica. Não por acaso, o artigo se intitula "*The phonology and morphology of word formation*". O segundo, já revisado e aprovado, sairá em 2017 no "*Handbook of Brazilian Portuguese*" pela Mouton de Gruyter: trata-se do capítulo "*Morphology*", em que, com a colega Maria Lucia Leitão de Almeida, descrevemos a morfologia do português brasileiro, com destaque para a delimitação das fronteiras entre flexão, derivação e composição.

Esse pequeno relato dos trabalhos que me pareceram mais dignos de nota, quer pela originalidade do tema, quer pela repercussão no meio acadêmico, dão mostras do caminho percorrido ao longo desses quase trinta anos de pesquisa. Deixei de revisitar, nessa descrição, as obras organizadas, mas vou mencionar, apenas para não passar em branco, a organização de dois números temáticos de morfologia na revista *Diadorim* (2008, 2013), os Anais do II Colóquio Brasileiro de Morfologia (2013) e o volume temático "*Morfologia e interfaces*" da Revista Souza Marques (FTESM).

Reverendo minha trajetória acadêmica, é impossível deixar de registrar uma parceria sólida que se iniciou em 1998, quando presidimos a Assel-Rio (Associação de Estudos da Linguagem do Estado do Rio de Janeiro), e se estende até hoje: com Maria Lucia Leitão de Almeida, topei várias empreitadas: desde assumir a Direção Adjunta da Faculdade de Letras até reativar a já aludida AILP, além de organizar inúmeros eventos científicos e de participar das primeiras equipes responsáveis pela implementação do ENEM. Essa parceria, no entanto, também se manifesta na coautoria de aproximadamente vinte artigos, quase todos sobre fenômenos de interface morfologia-semântica, nos quais trouxemos um novo olhar para processos de formação de palavras que há muito careciam de uma sistemática investigação do polo semântico. Com ela, fundei o NEMP que, em sua fase áurea (2008-2013), chegou a acolher quase trinta alunos de pós-graduação, vários deles orientados por nós dois (eu orientava e ela co-orientava e vice-versa). No entanto, a melhor colheita dessa importante parceria foi, sem dúvida alguma, o forte laço de amizade e afeto que nos une até hoje.

Com a convergência de nossos trabalhos individuais, criamos, no PPGLEV, a linha de pesquisa “*Língua e a interface morfologia-semântica*” e abrimos espaço para um enfoque totalmente inovador não apenas no Brasil, mas em nível mundial: uma abordagem cognitiva e construcional para fenômenos morfológicos. Desde 2004 (Anais da APL), com o estudo da polissemia do sufixo *-eiro*, temos tentado um “casamento” entre a morfologia e a semântica de base cognitiva. Nesse percurso, analisamos os cruzamentos vocabulares em dois artigos da Revista Portuguesa de Humanidades (Braga, Portugal — 2004 e 2007), as substituições sublexicais na Revista Linguística (2010), as formações com *splinters* do inglês em dois capítulos de livro: um em homenagem à amiga Claudia Roncarati (“*O léxico e as construções do PB*”, em 2015) — que tanto me ajudou nos concursos que fiz — e outro na obra “*Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis*”, organizada por M. Mollica e M. Gonzales, no qual cunhamos o termo “*cibermorfologia*” para analisar as partículas do inglês utilizadas na rede mundial de computadores.

Este último constitui referência para uma série de outros trabalhos, um deles no livro *“Comunicação Política e Económica: Dimensões Cognitivas e Discursivas”*, publicado em Portugal, em 2013 pela Editora Aletheia.

O amadurecimento da parceria morfologia-semântica/Gonçalves-Almeida culminou com a publicação de *“Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias”*, pela Revista de Linguística ALFA (UNESP, 2014). Nesse texto, lançando as bases do modelo de Booij, da Universidade de Leiden (Holanda), mostramos que fenômenos morfológicos são descritos com sucesso nesse novo paradigma e quais as contribuições que a Linguística Cognitiva pode oferecer para o refinamento do modelo. Alguns alunos do PPGLEV estão usando esse modelo na elaboração de suas futuras dissertações/teses.

Fora da esfera da produção científica, levamos a Assel-Rio, na gestão de 1998-1999, para a UFRJ. Com a parceria Gonçalves-Almeida se iniciando, fizemos da Assel-Rio uma associação ainda mais forte e bastante consolidada na área. Trouxemos colegas de Portugal para o evento, que se tornou internacional com um minicurso ministrado pela Professora Ewe Swetser, um dos principais nomes da Linguística no mundo. Na liderança da Assel-Rio, criamos os chamados Institutos de Estudos da Linguagem, com a oferta de minicursos em caráter intensivo, equivalendo a um crédito, ministrados por professores cariocas de renome em suas áreas de especialidade. Os dois congressos da Assel-Rio que organizamos contaram com a presença de mais de quinhentos inscritos, o que levou a associação ao patamar de outras nacionais, como o GEL e o GELNE, inclusive com uma revista própria, por nós idealizada: a Laços.

O sucesso na presidência da Assel-Rio foi tão grande que a Profa. Dra. Margarida Salomão, hoje Deputada Federal, lançou nossa candidatura para a então emergente AILP (Associação Internacional de Linguística do Português) em um congresso internacional ocorrido na UFJF. Realizamos, nas dependências da Faculdade de Letras da UFRJ, um evento internacional de grande porte, com a participação de linguistas de diversos países do mundo

lusofônico discutindo questões de política linguística e contraste entre variedades do português. Trouxemos pesquisadores de Portugal, Angola, Moçambique e de vários estados brasileiros. O e-book *“Língua portuguesa: identidade, difusão e variabilidade”*, publicado pela Dialogarts em 2010, foi a obra resultante do II Congresso Internacional da AILP.

Dos órgãos de fomento (CAPES, CNPq, FAPERJ), obtive auxílio para organizar diversos eventos científicos (29 no total). Desses eventos, destaco, em ordem de relevância, o II Congresso Internacional da AILP, o II Colóquio Brasileiro de Morfologia e quatro congressos da ASSEL-Rio (II, IV, V e VIII). Todos esses eventos foram subvencionados. Além desses, também é digna de nota a *“Semana luso-brasileira de morfologia e cognição”*, que contou com professores brasileiros e portugueses especialistas em morfologia e/ou cognição, como Margarida Basilio (Brasil) e Hanna Batoreo (Portugal).

Tive a imensa honra de poder prestigiar a professora Margarida Basilio no II Colóquio Brasileiro de Morfologia (CBM), realizado em sua homenagem. Parte de minha fala foi publicada nos Anais do II CBM (ISSN 2236-9325), por mim organizado, e recebeu o título de *“Basilistas, basilianos ou basilietes? Uma homenagem a Margarida Basilio”*, numa clara tietagem ao maior nome da morfologia no país. Tive, da mesma forma, a sorte de ter sido convidado pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt (UFRGS) para participar do I CBM e lá combinar, com os demais colegas, a organização do II Colóquio e a homenagem à Margarida. Na ocasião, instituímos, Luiz Carlos Schwindt, Seung-Hwa Lee (UFMG), Margarida Basilio (PUC-Rio), Ana Paula Scher (USP) e eu, o comitê permanente dos futuros CBMs, hoje caminhando para a quarta edição.

Ainda a respeito dos eventos científicos, apresentei, nesses encontros, cerca de cento e sessenta trabalhos. De 2000 para cá, foram quase oitenta. Participei de importantes eventos no Brasil (Congressos da ABRALIN, da ANPOLL, do GEL, do GELNE, da Assel-Rio etc) e no exterior (da APL, da ALFAL etc). Quase todas as apresentações mais recentes foram no formato *“conferência”* ou *“mesa-redonda”*, sendo poucos, neste século, os trabalhos

apresentados na modalidade “comunicação”. O convite para a participação em conferências e mesas demonstra o reconhecimento do pesquisador em sua área de especialidade, pois constitui uma forma de prestigiar o seu trabalho.

Reconhecimentos de semelhante envergadura — que revelam, pois, forte envolvimento do docente com pesquisa e ensino — são as seguintes: (1) participação em comitês científicos os mais variados, (2) atuação como parecerista em importantes periódicos na área e em órgãos de fomento à pesquisa, e, por fim, (3) participação em bancas (de Mestrado, Doutorado e Concurso Público). Todas essas atividades dão mostras do prestígio do docente (na UFRJ ou fora dela).

Sem dúvida alguma, a participação em comitês científicos de periódicos na área sinaliza o reconhecimento do docente como pesquisador de renome em suas frentes de trabalho. Participei como parecerista *ad hoc* de praticamente todas as principais revistas da área, sobretudo as qualificadas como A e B1 na tabela CAPES: *Linguística* (RJ-UFRJ), *Letras & Letras* (MG-UFU); *Estudos Linguísticos* (SP-GEL), *Revista da ABRALIN* (PR-UFPR), *Matraga* (RJ-UERJ), *DELTA* (SP-PUC/SP), *ALFA* (UNESP), *Domínios de Linguagem* (MG-UFU), *Letras de Hoje* (RS-PUC/RS), *Gragoatá* (RJ-UFF), *Veredas* (MG-UFJF), *Soletras* (RJ-UERJ), *Revista do GEL* (SP), *Scripta* (MG-PUC/MG), *Diadorim* (RJ-UFRJ), *Revista de Estudos da Linguagem* (MG-UFMG), além da internacional *Revista PROBUS* (Dordrecht). Além disso, faço parte do Comitê Editorial dos seguintes periódicos: *Veredas* (UFJF), *Soletras* (UERJ), *Línguas e Ensino* (UFRJ), *Traços de Linguagem* (UNEMAT), além de ser o editor responsável dos *Cadernos do NEMP* (RJ-UFRJ).

Honrosos, também, são os constantes convites para participar, na condição de parecerista, como membro de comitês científicos variados — desde eventos realizados no país e no exterior a comissões para avaliar projetos ou solicitações de bolsa. No âmbito do CNPq, por exemplo, por conta de minha condição de bolsista de Produtividade em Pesquisa (hoje de nível 1), já elaborei mais de quinze pareceres: Bolsa de Pós-Doutorado, Recém-doutor, Doutorado-

sanduíche e Produtividade em Pesquisa, Apoio para participação em Eventos Científicos no Exterior e Editais variados, como o Universal, por chamada pública. Também já prestei várias assessorias para a CAPES, seja na modalidade COFFECUB, seja em candidaturas submetidas no âmbito do Programa AEX (Auxílio para Eventos no Exterior), para a FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) e para a FAPESB (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia). Sou também parecerista do Projeto Caipira, liderado pelo Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho.

No que se refere à participação como consultor externo, tive a satisfação de atuar em várias IES (Instituições de Ensino Superior), seja para avaliar projetos de pesquisa (UFRN), propostas de livros (UESB) e pedidos de doutorado-sanduíche (UFF), seja para dar parecer em pedidos de bolsa de IC (Iniciação Científica), como na UFG, na UFF e na UERJ. Na UFRJ, sou membro do comitê do PIBIC desde 2000.

Como membro da Comissão de Especialistas do MEC, fui indicado para avaliar as condições de oferta dos cursos de Letras no país. Desse modo, designado pelo MEC, através de portaria, fui responsável pela avaliação e reavaliação do CNEC (Curso de Letras da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade), Brasília em 2001 e 2002. Também por portaria, fui nomeado para compor a Comissão que avaliou o Curso de Letras da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), em 2001.

Tive a honra, ainda, de participar de mais dois programas do Governo Federal: o primeiro para avaliar os dicionários escolares monolíngues, do qual fiz parte do comitê científico por dois anos consecutivos (2002-2003). Também fui membro da equipe de avaliação do livro didático do Ensino Médio no âmbito do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM), em 2005. Nessas ocasiões, pude manter contato mais direto com uma realidade da qual estava distante há muito tempo: o ensino de língua materna nos níveis fundamental e médio, o que me possibilitou verificar, na prática, quão grande é o abismo entre a pesquisa nas universidades e a abordagem

sobre a língua em gramáticas e dicionários, alguns muito bem conceituados até então.

Outra evidência do reconhecimento pelos pares são as constantes participações em comitês científicos de congressos na área. Foram quase vinte no total, e destaque, nesse item, a 9th *International Conference on Construction Grammar* (ICCG9), na UFJF em 2016; o I CISGOC (I Congresso Íbero-americano de Semântica Cognitiva), na UFBA em 2015; o III CBM (Colóquio Brasileiro de Morfologia), na USP também em 2015; e o XVII Congresso ALFAL, em Montevideo em 2014. Não menos relevantes são as participações nos comitês da ABRALIN, da ASSEL-Rio e do JEL (UERJ), além do SILEL 2006 (I Simpósio Internacional e XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística), na UFU em 2007, e do II CIFALE (Congresso Internacional da Faculdade de Letras, UFRJ, 2013). Por fim, componho o comitê científico, na área de Linguística, da Editora Appris, além de ter sido membro do conselho da Assel-Rio (2009-2010) e presidente do conselho fiscal da AILP (2008-2010).

Reconheço, também nas participações em banca de pós-graduação *stricto sensu*, a confiança em mim depositada, pois a avaliação desses trabalhos é sempre uma oportunidade de poder contribuir um pouco com a pesquisa desenvolvida pelo aluno e, muitas vezes, pelo próprio colega que nos brinda com o convite, além de ser, também, uma forma de aprendizado e atualização, pois, como diz Paulo Freire, "*ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre*". Tive o prazer de participar de quase 150 bancas, dentro e fora do PPGLEV. Nessas ocasiões, já estive na UFMG, na UNICAMP, na UFJF, na UFRGS e na UFBA, dentre outras universidades fora do Estado do Rio de Janeiro. Aqui no Rio, participei de bancas em praticamente todas as universidades com Mestrado Acadêmico: a UERJ (língua portuguesa e linguística), a UFF e a PUC-Rio.

Muito me honra, por exemplo, a presença constante nas várias bancas em que a professora Margarida Basilio (PUC-Rio) atua como orientadora, pois, em

momentos como esses, é muito produtivo e gratificante o diálogo com quem trabalha praticamente na mesma linha que eu. Sempre que pode, a Prof. Margarida também participa das bancas de meus orientandos. Nessas arguições e defesas, também é sempre muito produtivo o diálogo com minha ex-orientadora, Profa. Dra. Marília Facó Soares, que, apesar de orientar trabalhos em línguas indígenas, sempre me presenteia com excelentes análises com grande atualização bibliográfica, sobretudo na área de fonologia. Também foram sempre muito bem vindas suas contribuições nos trabalhos que orientei. Tive a sorte de contar, nesses momentos, que também são de celebração, com colegas muito competentes cujas contribuições sempre foram extremamente valiosas para os trabalhos que orientei.

Além das bancas de mestrado, doutorado e qualificação de doutorado, também integrei trinta bancas de especialização (FEUC, UNIGRANRIO, USS) e fui leitor crítico de cinco monografias de final de curso de graduação, todas na UFRJ. Naquelas em que fui orientador, procurei iniciar meus alunos de doutorado nessa árdua — mas gratificante — tarefa. Assim, compus bancas, dentre outros ex-alunos, com Roberto Rondinini (hoje professor da UFRRJ/IM) e Mônica Piza (hoje da UFRRJ/Seropédica). Acreditando que, *“quando o discípulo está pronto, o mestre aparece”* (ditado popular), tive a grata satisfação de ser convidado para as bancas de monografias orientadas por ex-orientandos, a exemplo de Alexandra Mouzinho (pela FEUC) e Marisandra Costa Rodrigues (pela USM).

Também dignas de nota são as participações em bancas de concurso público para o magistério superior. Novamente aqui, a indicação constitui enorme voto de confiança, não apenas no trabalho desenvolvido pelo docente, mas também pela seriedade e pela imparcialidade que essa atividade requer. Foram quase quinze as participações nessas bancas, quase todas fora da UFRJ: UNIFESP, UFMG e UFBA (concursos temáticos para provimento de vaga na área de morfologia), UFES, UFJF, UFF, UERJ (FFP e Maracanã) e, principalmente, UFRRJ (quatro concursos, cujos convites agradeço ao saudoso

colega João Luiz Ferreira Azevedo, que se despediu de nós antes de ver o curso de Letras em pleno funcionamento na Rural, seu antigo sonho). Estive na Rural, no ano passado, convidado para a conferência de abertura do *"I Congresso de Línguas e Ensino"* e fiquei imensamente feliz de poder testemunhar o sonho do meu amigo tornado realidade — em grande parte pelo trabalho árduo de vários colegas que tivemos a satisfação de aprovar.

O enorme interesse pelo ensino (de graduação e pós), pela pesquisa e pela orientação me deixou mais afastado das atividades administrativas e de representação. Acredito que na universidade há vários perfis de professor: uns mais dedicados ao exercício do magistério, outros mais pesquisadores que propriamente professores e aqueles que se identificam, também, com as atividades de chefia e supervisão. Certamente não me enquadrado neste último perfil e, de certo modo, admiro muito os colegas que se disponibilizam para essas tarefas, a meu ver, quase altruístas. Apesar disso, assumi, por três vezes (três anos, portanto), o cargo de supervisor do Setor de Língua Portuguesa e, na excelente gestão da Profa. Dra. Edione Trindade de Azevedo (2001-2004), fui Diretor Adjunto de Graduação (2001) e, posteriormente, Diretor Adjunto de Apoio Acadêmico (2002-2003), o que me levou a organizar a JIC de 2002. Nesse mesmo período, presidi a COAA (Comissão de Orientação e Apoio Acadêmico) e atualmente sou membro da comissão de pós-graduação do PPGLEV. Após sair da presidência da COAA, passei a membro dessa comissão de 2004 a 2008.

Ao longo deste memorial, procurei relatar o que fiz de mais relevante nesses vinte e dois anos de UFRJ. *"Trabalha com gosto e terás o gosto do trabalho"*, dizia Benjamin Franklin. Sinto-me privilegiado por poder me dedicar a atividades para mim tão prazerosas e sou muito grato a todos os que cruzaram meu caminho nessa jornada de aprendizado, parcerias e trocas. A progressão funcional para a categoria Professor Titular constitui, para mim, o fechamento de um ciclo, pois tenho certeza de que, daqui em diante, o que poderia ser considerado um final de carreira precoce, irá converter-se em um novo início, pois

*“Como eu sempre digo, é preciso reinventar-se.
Mudar padrões, mudar de ideia, mudar de opinião, mudar de caminho e mudar a vida.
Deixar pra trás os pré-conceitos, regras sem sentido e as verdades absolutas. E existe
verdade absoluta?! “*

Paula Arcanjo